

AS TELEFONISTAS: ANÁLISE DO FEMINISMO ABORDADO NA SÉRIE SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS¹

Maria Júlia de Souza Machado²

Resumo: O presente trabalho analisa, sob a perspectiva dos estudos culturais, o feminismo retratado na série *As Telefonistas*. O estudo de caso parte de uma análise de conteúdo com abordagem qualitativa realizada através de cenas extraídas dos episódios 1, 2, 4 e 5 da primeira temporada. O embasamento teórico dos estudos culturais, o feminismo e o movimento feminista na luta pelo empoderamento da mulher e do consumo de séries permite verificar que a série retrata a organização das mulheres para conquistar sua liberdade e emancipação, apresentando protagonistas fortes e determinadas.

Palavras-chave: Séries. Feminismo. Estudos Culturais.

1 Introdução

As produções audiovisuais retratam muitos acontecimentos históricos com pautas importantes, que, de certa maneira, contribuem para dar visibilidade aos movimentos sociais. Nesse caso, o do movimento feminista. Dessa forma, o tema deste trabalho é: estudar o feminismo abordado na série *As telefonistas*, sob a perspectiva dos estudos culturais.

O feminismo apareceu no século 19 em uma sociedade liberal que, segundo Cancian (2016), “está associado às contradições [...], onde as leis em vigor formalizavam juridicamente as diferenças entre os sexos masculino e feminino”. Já o surgimento do feminismo como um movimento social aparece somente na década de 1960 reivindicando a libertação da mulher. Cancian (2016) explica que a luta pela libertação está ligada à “existência de uma opressão característica, com raízes profundas, que atinge todas as mulheres, pertencentes a diversas culturas, classes sociais, sistemas econômicos e políticos”.

Nesse sentido, o problema de pesquisa é entender como a série retrata a narrativa do feminismo, que mais tarde se torna um movimento alcançando praticamente no mundo inteiro, e como o empoderamento feminino é construído através dele. Desse modo, com base na teoria dos estudos culturais, pretende-se descobrir em que momento surge a busca pela igualdade no decorrer da série e qual a posição da mulher nela apresentada.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pela professora Msc. Darlete Cardoso.

² Autor do Artigo: E-mail: majumchd98@gmail.com.

A série *As telefonistas*, ambientada na década de 1920, revela a luta das mulheres pela liberdade em uma sociedade machista. Trata da importância do feminismo naquela época, antecedendo o movimento feminista que surge anos depois. De acordo com a autora Beauvoir (1967, p. 22), os papéis destinados a cada sexo são construídos socialmente e às mulheres “ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia”. Sendo assim, tal escolha justifica-se para mostrar a posição ocupada pela mulher na sociedade nas décadas de 1920 e 30, período em que se desenrola o enredo da série objeto de estudo.

A escolha da teoria dos estudos culturais para aprofundamento da análise deu-se pela forma como pesquisam a relação das mudanças sociais por meio da cultura. Hall (2006) assume a importância da cultura para entender o comportamento da sociedade e também a relação que faz para explicar as mudanças sociais que ocorrem por meio das identidades culturais.

Nessa primeira parte, são realizadas pesquisas sobre os estudos culturais, movimento feminista e consumo de séries; para colaborar na contextualização do estudo de caso, a série *As telefonistas*, a fim de compreender a retratação do feminismo. Utiliza-se como procedimentos metodológicos a pesquisa qualitativa descritiva, para promover a análise de cenas extraídas dos episódios 1, 2, 4 e 5 da primeira temporada, que retratam aspectos do cotidiano das personagens principais. Serão, portanto, coletadas cenas em que aparecem Alba, que sofre chantagens de um policial; Angeles que vive uma relação abusiva; Carlota que lida com o pai conservador e Marga que sai de casa para encarar a vida em uma Capital regida por homens.

2 Estudos Culturais

Os estudos culturais são um campo que aborda como as identidades são construídas. Nesse sentido, contribuem para compreender a mudança da sociedade através das questões culturais. Os estudos culturais aparecem pela primeira vez “de forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 2).

A autora Escosteguy (1998) aponta que os estudos culturais consideram a cultura como algo comum, além disso questionam o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas sobre a cultura. Os estudos culturais tinham uma relação com iniciativas políticas com a intenção de compartilhar projetos políticos. Além disso, queriam ter relação com várias

disciplinas para observar a cultura como diversos movimentos sociais. (ESCOSTEGUY, 1998, p. 6). Ainda, segundo Escosteguy (1998, p. 2), os estudos culturais britânicos “devem ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos”.

Desse modo, os estudos culturais, conforme Baptista (2009, p. 5), “passaram a apresentar-se como uma prática intelectual dispersa, cujo único centro talvez tenha passado a ser o de articular e fazer dialogar três nós problemáticos essenciais: cultura, teoria e ação cívica.”

O autor Baptista aponta os estudos culturais como uma área que é:

Intrinsecamente paradoxal, objeto de discussão e incerteza, caracterizando-se por uma forte presença acadêmica nos discursos intelectuais, revela discórdias internas profundas em relação a praticamente tudo: sobre para que serve, a quem servem os seus resultados, que teorias produz e utiliza, que métodos e objetos de estudos lhe são adequados, quais os seus limites, etc. (BAPTISTA, 2009, p. 3)

Como aponta Baptista (2009, p. 3), “os investigadores desta área colocam uma particular ênfase na produção contextual, multidimensional e contingente do conhecimento cultural, procurando reflectir nos resultados da sua investigação”. Compõe uma linha de pesquisa concentrada entre cultura e sociedade, a fim de relacionar com as mudanças sociais. Cultura é vista como uma produção de sentidos realizados pela humanidade.

De acordo com Moresco e Ribeiro (2015), “o contexto histórico britânico dos Estudos Culturais delineia seu surgimento, pois abrange os campos acadêmico - propondo a interdisciplinaridade para estudar a cultura - e político devido aos vários movimentos sociais da época”.

Dentro dessa perspectiva, os autores consideram que a identidade está sempre em construção, se modificando e “os estudos culturais buscam compreender [...] a atuação da cultura nas mais diversas áreas temáticas: gênero, feminismo, identidades, nacionais e culturais, políticas de identidade, [...] entre outros” (MORESCO; RIBEIRO, 2015, p. 4).

Hall (2006) aponta que a cultura na modernidade tardia como o do gênero, sexualidade e afins, se transformam nessa relação entre sociedade e questão da identidade construída. Em 1968 a 1979, sob o comando de Stuart Hall (2003, p. 8), os estudos culturais se consolidaram “a partir de uma preocupação política e do projeto de colocar em bases teóricas mais sólidas as leituras de ‘textos’ da cultura, que incluíam desde o fotojornalismo e programas de televisão, até ficção romântica consumida por mulheres e as subculturas juvenis britânicas”.

Ainda explica Hall (2003, p. 7) que “assumiu os Estudos Culturais como projeto institucional na Open University, e continuou, periodicamente, a se pronunciar sobre os rumos de algo que se tornou um movimento acadêmico-intelectual internacional”. Partindo desse ponto, Moraes (2019, p. 1) afirma que os estudos de Hall “salientam o grau de importância assumido pela cultura na interpretação da realidade e dos comportamentos, assim como as formas pelas quais a mesma é utilizada para transformar a nossa compreensão, explicação e modelos teóricos acerca do mundo no qual vivemos”. A cultura tem efeitos que determinam práticas sociais, faz parte de nossa própria identidade, pois com o tempo a sociedade se tornou mais exigente na forma de pensar. Visto que a tecnologia transformou o modo de produção e circulação da troca cultural (MORAES, 2019, p. 3).

Conforme Laraia (2001, p. 36), cultura é “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural”. No pensamento de Laraia (2001), a cultura apareceu no momento que o ser humano conseguiu criar linguagem para se comunicar, e através disso passar seus ensinamentos adiante. O fato de o homem achar que só o seu modo de vida é correto é porque ele vê o mundo através da cultura. Laraia (2001) ainda diz que a cultura só apareceu devido o homem passar do ser animal para o humano e que é resultado do meio cultural que está inserido, pois herda a cultura ao longo do tempo por um processo acumulativo.

Como a cultura está inserida em todo momento na formação do indivíduo, Eagleton acredita que a cultura começa a ser importante

quando parece que, sem uma profunda alteração social, a cultura na acepção [...] da excelência de vida já não serão possíveis; quando proporciona os termos em que um grupo [...] procura emancipação política; e quando um poder é obrigado a transigir com a forma de vida daqueles que subjuga. (EAGLETON, 2005, p. 40).

Segundo o autor, a cultura pode ser vista como “conhecimento implícito do mundo pelo qual as pessoas negociam maneiras apropriadas de agir em contextos específicos”. (EAGLETON, 2005, p. 53). Dentro dessa perspectiva, a cultura é a forma de viver dentro de um coletivo, quando começam a compartilhar os mesmos valores, hábitos, crenças e a formas de agir.

Eagleton (2005, p. 52) cita o pensamento do sociólogo Stuart Hall sobre cultura “como práticas vitais ou ideologias práticas que permitem a sociedade, a um grupo ou uma classe, experimentar, definir, interpretar e entender as suas condições de existência”.

O pensamento de Hall (2003, p. 71) revela que a cultura não é apenas o que é praticado, ou o que é repassado dos costumes populares, mas que é “esse padrão de

organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas – “dentro de identidades e correspondências inesperadas”.

Stuart Hall (2003) ainda apresenta que a identidade cultural moderna está mudando as identidades pessoais em relação à forma que são representados no sistema cultural no qual estão envolvidas. Em um cenário que consiste em conhecimentos adquiridos pela pessoa dentro de uma sociedade que constrói ideologias de gênero, classe, raça. Os movimentos sociais representam um grupo que busca obter mudanças, de acordo com Costa (2004, p. 2). “Dependendo do nível de organização apresentam táticas e estratégias bem articuladas. Para dar visibilidade a suas ações e idéias, expressar e demarcar suas posições no campo a que pertencem, buscam a mídia para amplificar suas diversas falas”.

Isso ocorre porque os movimentos sociais visam contribuir para melhoria de uma causa, tendo em vista as condições. “Por isso os movimentos sociais tematizam questões que antes ficavam restritas à esfera privada, como as questões de gênero, de orientação sexual, étnicas, enfim, às diferenças que querem ver significadas” (GOSS; PRUDENCIO, 2004, p. 6).

Propõem no conceito de cultura um aprofundamento para compreendê-la como uma libertação. Quando a cultura se modifica auxilia no empoderamento e na sua aceitação. Os estudos culturais consolidaram o feminismo como um movimento cultural. Assim, o movimento feminista surge para quebrar conceitos em relação ao homem e mulher. Os autores apontam que a transformação que ocorreu nos movimentos sociais:

Através de novas práticas políticas, engendradas por outras transformações de ordem econômica, política e social, coloca uma questão: diante desses processos recentes, a ação coletiva não se organiza em torno de dois pólos identificados e visíveis, mas difusos, fragmentados, cuja diversidade não é apreensível em um conceito. (GOSS, PRUDENCIO, 2004, p. 13).

Goss e Prudencio (2004) ainda acrescentam que os movimentos sociais são exemplos emblemáticos, ou seja, é um símbolo que, apesar de lutar por um reconhecimento específico, provocam um tipo de debate com temas importantes que causam um efeito na estrutura da sociedade. Para os autores, isso acontece com o movimento feminista porque provoca uma mudança na hierarquia entre o gênero masculino e feminino. Hall (2006) diz que as identidades culturais se identificam na história e discurso. A partir disso, os aspectos do movimento feminista resultam em uma mudança que defende a vida ativa da mulher na sociedade. O gênero feminino foi construído em uma sociedade patriarcal que valoriza apenas o gênero masculino, sendo que no seu meio familiar ou social exerce a autoridade diante da mulher.

Hall (2006) diz que a identidade cultural é um processo, muda conforme as novas identificações. São processos construídos historicamente e socialmente, por discursos em conjunto com as relações de poder. De acordo com Hall (2006, p. 44), o movimento feminista “ênfatizou como uma questão política social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães e pais, filhos/filhas)”.

Nesse sentido, Hall (2006, p. 46) entende que o “feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a ‘Humanidade’, substituindo-a pela *questão da diferença sexual*”. O aumento e o esforço do feminismo em um cenário que traz questões culturais machistas presentes até hoje são necessários para entender todo o contexto por meio dos seus manifestos, que contribuíram para a formação do papel ativo da mulher nas decisões e suas representações no meio histórico e social.

3 O feminismo e o movimento feminista

O feminismo reivindicou muitas conquistas para as mulheres, como o direito ao voto e ao trabalho. A partir dessas conquistas, “o movimento feminista passa a ser caracterizado como movimento social e político que não abria mão do enfrentamento com os poderes públicos pela garantia de direitos e igualdade entre homem e mulher” (MENDES; VAZ; CARVALHO, 2015, p.4). Além disso, o feminismo não prega a luta de mulheres contra homens, mas sim uma luta contra opressão para garantir os direitos.

Através dessas conquistas, deu início à afirmação do movimento feminista, que nasce como uma organização social a partir da década de 1960 nos EUA. Para contextualizar a história sobre o surgimento do movimento feminista, Cancian (2016) traz a relação do feminismo emancipacionista que começou na Inglaterra no século 19 e lutava para a mulher obter direito ao voto ou ter uma profissão. Assim, o movimento feminista consolidou-se em 1960 e conforme Cancian (2016),

O surgimento do movimento feminista contemporâneo representou um divisor de águas e, ao mesmo tempo, a própria superação dos movimentos sociais emancipatórios, cuja reivindicação central estava baseada na luta pela igualdade (jurídica, política e econômica).

Para Mendes, Vaz e Carvalho (2015, p. 8), não se pode negar a contribuição do movimento feminista para as vitórias conquistadas na construção de “uma nova consciência, quebrando os paradigmas e padrões que ainda a nossa sociedade machista e patriarcal impõe”.

A cultura do patriarcado foi construída pelos discursos e padrões de comportamento de privilégio que o homem possui. Essa cultura tenta justificar suas atitudes através desses discursos. Possui valores que explicam a submissão feminina formada na sociedade. Nesse sentido, o patriarcado é enraizado, sendo que o homem é a autoridade, principalmente na estrutura familiar. Entretanto, não remete só ao poder do pai, mas sim da figura masculina. Devido a essa construção, a mulher foi doutrinada a ser subordinada por todos os homens que a cercam, seja pai ou marido. Por outro lado, o feminismo trouxe mudanças e ganhou força com a característica da igualdade de gênero entre homem e mulher.

Pinto (2010, p. 1) reforça que “a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres [...], organizavam-se para lutar por seus direitos, sendo o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto”.

A partir do surgimento do movimento feminista, a mulher começou a ampliar seu espaço na sociedade e a ocupar lugares que antes não conseguia apenas por ser mulher.

Decorrente das inúmeras opressões que a sociedade impôs e impõe contra mulher surge um campo constituído fundamentalmente por mulheres anunciando a reivindicação de seus direitos e denunciando as desigualdades de classe e etnia, mas principalmente de gênero, consolidando o processo de construção de uma identidade feminina voltada para a emancipação política e social da mulher. (MENDES, VAZ, CARVALHO 2015, p. 2)

A partir da contestação política, o feminismo abre o que Hall (2006) chama de novas arenas na vida social das mulheres, como família, divisão do trabalho doméstico e cuidados com os filhos, bem como sexualidade.

Assim, dentro dessa perspectiva, o feminismo:

faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiam durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), justamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com “1968”. (HALL, 2006, p.44)

Segundo Hall (2006, p. 44), o feminismo começou contestando a posição das mulheres na sociedade e “expandiu-se para incluir a *formação* das identidades sexuais e de gênero”. Portanto, o feminismo proporcionou essa mudança na posição que a mulher tem na sociedade. Segundo Soares (1994, p. 9), “o feminismo se diversificou criando novas formas de organização e instituindo práticas como os coletivos voltados para ações relacionadas ao corpo, saúde, à sexualidade feminina e questões da violência”. Os direitos e as leis reservados a elas, muitas vezes, não são eficazes para que consigam justiça perante a realidade que presenciam em toda sociedade.

Apesar de existirem leis e condições a fim de proteger as mulheres, a sociedade ainda quer impor decisões e ter poder sobre suas vidas. Nesse segmento, Beauvoir (2009, p. 86) diz que “quando o papel da mulher se torna mais importante, absorve ela, em quase sua totalidade, a região do Outro. Aparecem, então as divindades femininas através das quais adora a ideia da fecundidade”.

No entanto, essa discussão em volta da situação da mulher na sociedade mostra que:

Através de muita luta, a mulher avançou consideravelmente rumo à equidade de raça e gênero, houve o despertar para as lutas coletivas da importância da participação social, e dos processos mobilizatórios, visando a denúncia de uma realidade desigual no sentido econômico, cultural e político, que se fazia no âmbito das classes, etnia e gênero. (MENDES, VAZ, CARVALHO, 2015, p. 6)

A presença das mulheres na participação da sociedade possibilitou o poder de decisão. Diante disso, o feminismo proporcionou para as mulheres muitas conquistas, dentre delas, encorajá-las a fazer o que tem vontade, porém para que isso aconteça a sociedade exige que a mulher não perca sua feminilidade. (BEAUVOIR, 1967)

O feminismo ainda faz com que as mulheres sejam protagonistas da luta, que não silenciem, mas que usem sua voz para denunciar as opressões. (MENDES; VAZ; CARVALHO, 2015). Para denunciar essas opressões, no Brasil foram criadas leis e delegacias.

Além da criação das Delegacias Especiais da Mulher a partir também de campanhas como “Quem ama não mata”, em 2006, é sancionada no Brasil a Lei Maria da Penha (Lei n. 11.34, de 7 de agosto de 2006), sendo esta uma das conquistas mais importantes para o movimento no Brasil, criada para coibir os diferentes casos de violência contra a mulher mas, sobretudo, a doméstica e familiar. (MENDES; VAZ; CARVALHO, 2015, p. 7).

Essas conquistas se tornam possível porque ocorrem mudanças na sociedade e no comportamento do indivíduo, que resultam em uma melhoria para a representatividade da mulher. Apesar dessas mudanças e das grandes conquistas, as mulheres ainda são desvalorizadas e oprimidas. Não importa qual a idade, status social e etnia, o movimento feminista é importante para tornar a quebra de barreiras na sociedade realidade.

De acordo com Soares (1994, p. 3), “as mulheres se fazem visíveis através da multiplicidade de expressões organizativas, uma infinidade de reivindicações e formas de luta”.

Soares (1994, p. 8) diz ainda que

As feministas mantiveram e mantêm ainda hoje, uma relação intensa com essas diversas faces do movimento de mulheres, muitas vezes uma relação de tensão, outras vezes enriquecedora, algumas empobrecedoras. Fizeram um entrelaçamento

destas diferentes vertentes, de modo que hoje ficam um pouco menos nítidas as demarcações.

No entanto, a mulher é impedida de ser ela mesma e passa a ter dependência do homem, assim deseja que ele tome decisões por ela. Antes, a mulher tinha duas imagens, de uma mulher pura no pedestal e de prostituta. Agora, possui duas imagens diferentes, a de mulher feminina e a mulher profissional, cujo vício é ter personalidade independente. (FRIEDAN, 1971).

Ainda, conforme Friedan (1971, p. 262), “a força da mulher não é a causa e sim a cura desta doença. Somente quando lhe permitirem usar de todo o seu vigor, desenvolver-se plenamente poderão destruir a mística feminina e deter a progressiva desumanização de seus filhos”.

Na perspectiva de Soares (1994, p. 12), “o feminismo reconhece um poder não somente no nível do público estatal, mas o poder presente em todo o tecido social, fazendo a concepção convencional da política se ampliar, como também a noção de sujeito”.

Dessa forma, as mulheres:

Mesmo que organizadas em suas ações de sobrevivência, que as fazem sair do seu encerramento doméstico, identificar interlocutores, aumentar seu sentimento de autoestima, podem não modificar no essencial a profunda segregação sexual da sociedade, nem alterar a direcionalidade dos projetos sociais. (SOARES, 1994, p. 7)

Para Beauvoir (2009, p. 200), “a mulher só se tornou livre tornando-se cativa; renuncia a esse privilégio humano para encontrar de novo sua força de objeto natural”. Nessa questão, Beauvoir (2009, p. 89) ainda afirma que “ao passo que o homem continua apropriar-se das funções que abrem essa sociedade para a natureza e o conjunto da coletividade humana”.

A autora retrata a mulher com aspectos históricos e biológicos que interferem na opressão e na emancipação. Ainda segundo Beauvoir (2009, p. 649), “só ocorreria o mesmo com a mulher se ela também existisse essencialmente como ‘para-si’; o que implicaria a posse de uma independência econômica, a possibilidade de projetar-se para fins próprios e de superar-se sem intermediários para a coletividade”.

Beauvoir (2009) revela que a mulher conseguiu seu espaço em um lugar de trabalho, mesmo vivendo em um contexto social e ambiente masculinos. Entretanto ainda tinha que cuidar da casa sozinha, e não tinha alcançado a mesma independência econômica em relação aos homens, que ganham mais mesmo trabalhando na mesma função.

Com base nisso, a mulher, quando se torna independente e empoderada e não apenas designada a fazer funções de dona de casa, fortalece ainda mais a sua voz e a presença

nas decisões, porém, continua a enfrentar a desigualdade de gênero. Nessa circunstância, Sardenberg (2009, p. 2) diz que “o empoderamento de mulheres é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação [...]. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal”.

Então, define-se como empoderamento feminino a condição na qual mulheres deixam de ser submissas aos homens e passam a ter domínio das próprias decisões. Esse termo começa a ser usado pelas feministas como uma condição que mudaria a forma como as mulheres são reduzidas à posição de submissão aos homens. Sardenberg (2009, p. 6) explica que o empoderamento é um processo que tem três objetivos, sendo eles:

- (1) questionar a ideologia patriarcal; (2) transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero as desigualdades sociais; (3) criar as condições para que as mulheres pobres possam ter acesso – e controle sobre – recursos materiais e informacionais.

Segundo Cruz (2018, p. 1), “o empoderamento envolve um processo político para gerar compreensão dos complexos fatores que criam subordinação/exclusão das mulheres do mundo público/político e [...] desconstrução dos atuais esquemas políticos e sociais da sociedade”.

Usa-se o termo empoderamento como uma ferramenta de luta para fortalecer cada vez mais outras mulheres. O empoderamento das mulheres ultrapassa o âmbito doméstico e se firma também no público, conforme as mulheres ficam mais ativas e participam das decisões na sociedade. Isso ocorre porque o empoderamento das mulheres tem que desenvolver uma nova concepção de poder, favorecendo a construção de novas decisões. (CRUZ, 2018).

Além disso, esse processo acontece para afirmar que a mulher é um indivíduo independente. Cruz (2018, p. 8) ainda ressalta que “é importante desafiar a ideologia patriarcal e habilitar as mulheres, de modo que possam aceder tanto os recursos materiais como as informações e exercer controle sobre eles”.

Como aponta Matia (2017, p. 7), o movimento “propicia a fuga do isolamento em que vivem várias mulheres, fadadas a um modo de vida patriarcal; ao trocarem experiências as mesmas constituem, através do companheirismo, uma identidade própria”. Por esse motivo, o movimento feminista é marcado por suas especificidades nas reivindicações e pode mudar todo dia, pois molda-se através das necessidades que surgem, nas novas formas de lutar pelas mulheres. (MATIA, 2017). Os movimentos incorporam lutas e querem estar envolvidos na sociedade com discursos na tentativa de conquistar melhorias.

O fortalecimento de lutas femininas tem ganhado espaço nas narrativas e produções. Sendo assim, o empoderamento das mulheres, para Mageste, Melo e Ckagnazaroff

(2008, p. 2), “representa um desafio às relações patriarcais garantindo a elas autonomia para controlar o próprio corpo, sua sexualidade, o seu direito de ir e vir, bem como um repúdio à violência, ao abandono e às decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família”.

A mudança na visão do movimento feminista em focar no bem estar da mulher para a visão de defender a permanência da mulher em decisões ativas na sociedade “constitui uma ampliação crucial às preocupações [...], sem significar uma negação as essas preocupações”. (MAGESTE, MELO, CKANAZAROFF, 2008, p. 6). Além disso, os autores focam na condição da mulher como agente ativo, sendo visível que a limitação delas atinge a vida de todos envolvidos.

Os autores ainda apontam que:

A discussão sobre o empoderamento das mulheres surge como resultado de muitas críticas e debates importantes gerados pelo movimento feminista em todo o mundo em que se percebeu que as estratégias de desenvolvimento e as intervenções de base não obtiveram um progresso significativo no melhoramento do status das mulheres. (MAGESTE; MELO; CKAGNAZAROFF, 2008, p. 2)

Sendo assim, o empoderamento representa um confronto com as relações da sociedade patriarcal, garante controle com as próprias escolhas, com as decisões que interferem na vida e também com o direito de ir e vir. (MAGESTES;

Conquistaram esse empoderamento através dos movimentos sociais que representam grupos para conseguir reivindicações. Sob esse ponto, Mayer (2018, p. 84) diz que “apesar de o movimento feminista existir há décadas, a discussão do protagonismo na mídia é recente”. Nesse contexto, as personagens femininas usam do posicionamento frente às questões que encaram e exercem um protagonismo no audiovisual que possuem características de força e determinação.

Para Mayer (2018, p. 13), há uma nova postura da representação feminina dentro do audiovisual que “[...] leva a protagonista feminina a um posicionamento ativo, com mais autonomia, e independentemente do fato de estar ligada ou não a um papel de comando, suas ações interferem na trama”.

A representação do feminismo na produção cinematográfica trata-se de uma mudança acerca do debate da importância do movimento. O site Todas Fridas (2019) explica como as produções inserem o ideal feminista no audiovisual: “quanto mais figuras femininas fortes, que se declarem abertamente feministas, em filmes ou séries, por exemplo, melhor é para a ampliação do debate acerca de [...] ‘por que o feminismo é importante’”.

Através do audiovisual e do seu gênero, o protagonismo feminino ganha destaque na produção. Como aponta Mayer (2018, p. 15), “o aumento da criação de narrativas

protagonizadas por mulheres é, em parte, uma resposta ao crescente número de movimentos sociais feministas (que buscam igualdade entre os sexos)”.

Desse ponto de vista, as produções reforçam um papel importante para a representatividade da mulher no audiovisual da vida real para a ficção. Tendem a construir a imagem da mulher empoderada de modo que influencie o público que está assistindo, que é que se quer verificar na análise da série *As telefonistas*, nosso objeto de estudo. Assim o telespectador muda sua concepção porque consome produções desse formato.

4 Consumo de séries

As séries já fazem parte do cotidiano das pessoas. Sejam elas para entreter ou informar. O fato é que estão inseridas em todo o meio social e criam uma expectativa no público desde o lançamento, renovação de temporadas e principalmente nos capítulos finais, quando se dá o desfecho de toda história. (KESKE; RUBLESCKI, 2018, p. 44).

Jenkins (2009) explica que os programas de entretenimento vêm passando por processos de mudança mais rapidamente porque cultivam um público fiel que cria um envolvimento com o que é retratado. É natural a necessidade de uma maior aproximação entre o consumidor e seu produto escolhido, “quando esses fãs foram atraídos para um programa. Eles exigiram um relacionamento mais intenso e profundo com o conteúdo” (JENKINS, 2009, p. 167). Os seriados ganharam espaço na vida dos espectadores e eles querem estar envolvidos com toda a história. “Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém pode guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos” (JENKINS, 2009, p. 30).

O consumo da indústria do *streaming* está crescendo, assim como a quantidade de produções disponíveis nas plataformas, como *Netflix* e *Globo Play*. Para Lima (2018, p. 15), “o streaming é a forma de distribuição do conteúdo de maneira instantânea, em que as informações são captadas através da internet”.

A *Netflix*, por exemplo, que veicula a série em análise, é uma das plataformas que mais cresce com a distribuição e produção de audiovisuais, disponibiliza mais de 4000 filmes e séries em 190 países. Em pesquisa recente a *Netflix* anunciou que possui 182 milhões de assinantes. Esse número crescente mostra a procura do telespectador por uma programação diversificada que o serviço de streaming proporciona. A plataforma possui um formato com assinaturas, na qual o usuário paga mensalidades variáveis para poder acessar. O streaming

também tem um recurso de recomendações por onde o sistema analisa o que o usuário assiste e apresenta os filmes e séries que mais interessam a ele (LEMOS; GOSCIOLA, 2018).

Quando a Netflix coloca uma nova temporada de uma série está oferecendo para seus assinantes uma forma vantajosa de acompanhar e assistir novos episódios na plataforma em qualquer momento e lugar. Saccomori (2015, p. 14) diz que a tecnologia transformou esse cenário porque incentiva e influencia no consumo desses produtos audiovisuais. O *streaming* do audiovisual oferece diversas opções para os assinantes, a *Netflix* tem um vasto catálogo onde os assinantes “monitoram lançamentos e controlam as datas de expiração das licenças de direitos autorais” (SACCOMORI, 2015, p. 13). Destaca-se pelo conteúdo, mas também pela forma disponibilizado, através de telas que podem ser acessadas pelo celular, computador ou televisão.

Além disso, o *streaming* transforma a experiência do telespectador através da facilidade de navegação para assistir as produções. Keske e Rublescki (2018, p. 51) confirmam que “devido às novas formas de distribuição e consumo de produtos audiovisuais, as séries têm mostrado grande avanço, tanto em quantidade como em qualidade das produções.”

Com o surgimento desse serviço de *streaming* ampliou a forma de consumação das produções audiovisuais e desenvolveu uma característica que, conforme Lemos e Gosciola (2018, p. 125):

Pode ser visto como algo bem próximo ao modelo televisual, mas como um novo tipo de distribuição e realização audiovisual. No entanto, se a linguagem se aproxima da TV, as produções se distanciam já que transitam entre diferentes mídias e assimilam as potencialidades de difusão de cada suporte.

Nesse contexto, os telespectadores optam por buscar conteúdos interessantes que agregam conhecimento. Por esse motivo, as produções tendem a abordar assuntos que estejam em pauta. Segundo Lima (2018, p. 16), “o mercado audiovisual vem mudando a forma de construir o produto: seja pela produção, distribuição e exibição de séries e filmes.”

Dessa maneira, as produções influenciam diretamente no consumo do telespectador. Para Keske e Rublescki (2018, p. 53), “pode-se perceber que os programas, como as séries transmitem informações que podem levar as pessoas a construírem determinadas imagens a respeito daquilo que está sendo mostrado para os seus telespectadores”. Além disso, os autores explicam que o audiovisual:

Faz com o que o público construa percepções a respeito do que é transmitido, criando, assim, imagens que irão ajudar pessoas a enxergar o mundo, mesmo sem ter vivenciado presencialmente os lugares, as culturas, pessoas e os hábitos que são representados pela mídia. (KESKE e RUBLESCKI, 2018, p. 49).

As séries abordam as transformações que acontecem em todo momento histórico e social, retratam pautas com temáticas importantes e isso é nítido nas produções atuais. Diante dos diversos gêneros e dos temas que são abordados nas séries surgem novas formas de influenciar o telespectador na sua construção. Portanto, as séries têm relação com a construção das identidades. O público mostra o real interesse sobre o conteúdo consumido. Esse interesse surge através da história, do enredo e da narrativa que se destaca pelo conteúdo oferecido nas produções.

A narrativa da história tem que ser bem desenvolvida, porque nela se constrói ganchos para ganhar a atenção do telespectador, estimula e cria expectativa para acompanhar o conteúdo de todos os episódios. Por isso é comum ver usuários pedindo liberação de novos episódios e renovação de temporadas. (LIMA, 2018, p. 22).

Sendo assim, ganha audiência e possibilita enxergar a realidade dentro da ficção, pois quanto mais pessoas passam a ter acesso a essas narrativas que “estão presentes em todos os períodos da história, dos lugares e das diferentes sociedades” (LE MOS; GOSCIOLA, 2018, p. 126) em produções, mais será expandido a discussão sobre o assunto e a procura por séries que reproduzam esses acontecimentos.

Os autores Holanda e Nascimento (2018, p. 2) apontam que as narrativas e suas representações na televisão forjam os grupos que devem ser construídos ou destruídos, pelos interesses que dispõe, e isso é compreendido quando o público que a consome comprova em atitudes na sociedade. O interesse por esse enredo que traz a condição da luta por igualdade e como isso é apresentado em um sistema machista e opressor para as mulheres. Essa representação das figuras femininas e seus posicionamentos fortes influenciam em toda narrativa que retrata do feminismo em produções. Aponta também a desigualdade de gênero, opressão, violência que está presente em todo ambiente.

Há um número cada vez maior de mulheres incorporando lutas, e com essa representatividade em séries, filmes e na mídia, acontece com mais facilidade. O empoderamento das mulheres na narrativa é importante para o feminismo, de acordo com Holanda e Nascimento (2018, p. 2), pois “as narrativas de realidade presente em muitos enredos colaboram diretamente para enriquecer as pautas feministas e a compreensão sobretudo da dimensão do movimento”. No entanto, é apresentado também como é viver em um sistema patriarcal enraizado com “retrocessos quanto aos direitos e a vida de mulher, e sobretudo o medo e a insegurança, as semelhanças com nossa realidade assustadora” (HOLANDA; NASCIMENTO, 2018, p. 9).

Nesses casos, apresentam uma protagonista mulher com autonomia, ativista e com decisões que interferem em toda trama. Mayer (2018, p. 15) aponta o feminismo e seu impacto como um processo de formação da identidade da mulher. Nele obtêm força para enfrentar toda ação de opressão que uma sociedade desigual tem. É importante porque muitas mulheres vivem enfrentando o medo de conviver com a violência, desigualdade de gênero e tantos outros problemas.

Nas narrativas mostra uma mulher com conceitos feministas que busca seus objetivos independentes. Como acontece com o próprio movimento que sempre defendeu os direitos da mulher, e através da expansão fez com que surgisse novas ideias e visões para o feminismo. Para Mayer (2018), a mulher deve ter conquistas ou fracassos pelas decisões que tomou, e não por escolhas da sociedade que as impõe, além disso discorre que o único talento da mulher seja a sua sexualidade, mas que somente compõe o contexto do ser feminino que possui muitas funções.

A representatividade feminina no audiovisual em uma sociedade patriarcal e machista permite um enredo em que a mulher possui local de fala e “promove-se um novo momento no qual essa mulher sabe seus objetivos estreitando laços com o conhecimento”. (HOLANDA; NASCIMENTO, 2018, p. 11). É possível observar o papel desempenhado pela mulher em todo o processo da narrativa. Retratam no começo uma posição de uma mulher inferior que é induzida por um homem superior a ela, mas mostram também a busca por papel ativo com posicionamento forte. Essas produções adotam esse processo.

Nesse sentido, a série *As telefonistas* retratam esse processo em uma sociedade machista que controla os direitos das mulheres, oprime e julga seu comportamento. Nessas circunstâncias, pretende-se, a partir da análise a seguir, verificar esse empoderamento das protagonistas da série na conquista de seu espaço no meio político e social, revelando assim, a importância dos movimentos feministas.

5 Análise: *As telefonistas*

Las chicas del Cable, traduzida para o português como *As telefonistas*, estreou dia 28 de abril de 2017, na *Netflix*. Contém cinco (5) temporadas com 42 episódios no total, que duram entre quarenta minutos até uma hora cada. O elenco é formado por Blanca Suárez (Alba/Lidia), Ana Fernández (Carlota), Maggie Civantos (Angeles) e Nadia de Santiago (Marga), que trabalham em uma companhia telefônica em Madri, na Espanha. A série espanhola criada por Ramón Campos e Gema Neira foca em causas feministas e aborda a

história de quatro mulheres que vivem situações de machismo em 1928, ano em que se passa a primeira temporada.

No caso de Alba, ela esconde muitos segredos, foi presa pela polícia por engano quando presenciou o assassinato da sua amiga por um ex-namorado. As duas tinham um sonho de ir embora para a Argentina e pretendiam realiza-lo. Porém, esse sonho foi interrompido quando o ex-namorado de Remena a seguiu para impedir que ela fosse embora. *Ela vai fazer o que eu mandar. Se você gritar eu juro que te mato*, diz ele com a arma apontada para as duas. Após as duas tentarem desviar ele atira em Remena e nele a seguir. A polícia chega e encontra Alba segurando o corpo da amiga. Para conseguir sua liberdade, aceita ser chantageada por um policial que a obriga roubar o cofre da companhia telefônica. Por isso, precisa se passar por Lidia para conseguir trabalhar na companhia no cargo de telefonista.

Angeles trabalha há anos na companhia telefônica, é casada com Mario e tem uma filha chamada Sofia. Ela segue as regras de uma sociedade machista e vive uma relação abusiva com o marido. Já Carlota tem desavenças com o pai militar autoritário que acredita que mulher não deve trabalhar. Ela possui o papel de ativista feminista e luta para que mulheres consigam ter voz. Marga, por sua vez, saiu da sua cidade no interior cheia de sonhos para trabalhar na Capital e conseguir ajudar sua avó financeiramente. Todas têm o seu propósito, tendo em vista o desempenho que realizam para conseguir o que querem.

Figura 1 – As telefonistas: Marga, Angeles, Carlota e Lidia.



Fonte: Netflix, 2020.

Apenas mulheres realizavam a função de telefonista, por isso trabalham na companhia para ter independência financeira. No entanto, quem desejava trabalhar precisava ter os requisitos necessários para o cargo da empresa. Ao longo da trama, elas buscam a

liberdade feminina e constroem a narrativa de personagens frágeis para mulheres com personalidade forte.

Passam por diversas situações de conflitos nos relacionamentos, na família e na sociedade em geral. O machismo era presente, os homens exerciam cargos importantes, enquanto as mulheres trabalhavam apenas como telefonistas ou secretárias. As mulheres eram vistas como propriedade e não tinham direitos, mas a cada dia elas conquistavam mais o seu espaço, liberdade e independência. Lutavam para ter voz em meio a uma sociedade totalmente machista.

Com relação à vida da mulher nos anos de 1920 a 1930, período em que inicia a história, a cultura da época era muito machista, a decisão do homem prevalecia, o que a mulher podia fazer era delimitado e limitado. Essa limitação é construída por meio de tradições, por uma dominação social que, conforme Laraia (2001), passa os ensinamentos adiante na sociedade por meio da cultura que tem vínculo com essa ação.

Era evidente o que mulher passava, além de ser vista como um objeto de dominação pelo homem. A série utiliza os fatos que aconteceram nesse período para reproduzir como as mulheres entraram no mercado de trabalho quebrando barreiras.

Nesse cenário, a série retrata a vida das mulheres na sociedade e as dificuldades que enfrentavam, como as questões de machismo, relacionamento abusivo, pais autoritários, e em volta disso o feminismo. Por isso, elas passam a ir atrás dos direitos e de ser protagonistas das próprias vidas, tendo em vista as condições da época. Para verificar essas situações e responder ao problema desta pesquisa são analisadas cenas extraídas dos episódios 1, 2, 4 e 5 da primeira temporada, que retratam as situações que as mulheres viviam em uma sociedade machista.

5.1 Episódio 1: *Os sonhos*

O primeiro episódio, intitulado de *Os sonhos*, começa com a narração de Alba: *se você era mulher em 1928 a liberdade lhe parecia uma meta inatingível. Para a sociedade, as mulheres eram apenas donas de casas, mães e esposas. A fala vai ao encontro da cultura na década de 1920, quando o papel social da mulher era estabelecido através das decisões do homem, dessa forma, elas eram vistas e tratadas como propriedades. Subordinadas e submissas viviam a cultura machista da época. Nesse sentido, o feminismo proporcionou mudanças que ocasionaram para as mulheres um papel além de donas de casas e esposas, mas também de serem donas de si e tomarem decisões (CRUZ, 2018).*

No entanto, com base em Beauvoir (2009), mesmo com o esforço para conquistar a igualdade entre os gêneros, as mulheres ainda têm a responsabilidade das tarefas de casa e do cuidado com os filhos somente para elas. Havia diversos conflitos devido à subordinação das mulheres, mas elas foram em busca do espaço e conquistaram com a chegada dos movimentos a favor da igualdade de gênero. Para Matia (2017), os movimentos passam a ter um papel de impacto e, no caso do feminista, é uma saída para muitas mulheres que se sentem coagidas na sociedade que vivem.

As protagonistas se encontram pela primeira vez durante o processo de seleção para trabalhar de telefonistas. Angeles, que já trabalhava na empresa telefônica, ajudou as meninas a conseguirem entrar na sala que havia sido fechada para o teste. Alba, Carlota e Marga tinham o mesmo desejo de trabalhar na telefonia, no entanto cada uma tinha um propósito para estar ali. Com a ajuda de Angeles, conseguem realizar o teste para telefonistas e são selecionadas, menos Alba, que só consegue a vaga com a ajuda do filho do dono da telefônica, Carlos Cifuentes. Nesse momento, todas se aproximam e vão comemorar em um bar no fim do dia.

Para a surpresa de Carlota, seu pai Coronel chega puxando-a pelo braço e a leva até o carro. *Entra no carro, eu mandei entrar*, fala, e dá o tapa no rosto de Carlota.

Figura 2: Pai de Carlota leva ela embora pelo braço



Fonte: Reprodução Instagram *Las Chicas del Cable*, 2020

Em outra cena, o Coronel também diz à filha para arranjar um marido. Carlota, que se impõe ao pai, diz: *Não quero um marido. Quero um emprego e ser independente*. O machismo tem relação com esse comportamento do pai da Carlota, pois mostra o

autoritarismo do homem sobre a mulher, principalmente no meio familiar. Isso ocorre em função da formação cultural do indivíduo, pois a cultura influencia no modo com que o homem vê o mundo (LARAIA, 2001). Assim, pode ser relacionado com a mulher que se torna submissa aos desejos do pai, e quando se casa se torna submissa ao marido. Vive somente em função do casamento e da família.

Para Beauvoir (1967, p. 68), a mulher deixa de ser indivíduo e se torna propriedade do pai ou do marido e passa a viver sob o interesse dele. Dentro desse pensamento da autora, a mulher não é o sujeito, mas o outro sexo que é uma construção cultural. Era subordinada ao pai e, após o casamento, ao marido e aos cuidados com a família, sem possuir voz ou participação nas escolhas. Mas no episódio Carlota enfrenta o pai conservador e briga pela sua liberdade de escolher o próprio destino.

5.2 Episódio 2: *As memórias*

Nesse episódio acontecem diversas situações desfavoráveis para as mulheres. Em uma cena, Carlota continua a ser pressionada pelo pai a abandonar o cargo de telefonista, pois para ele não era digno a mulher trabalhar. Ela nega a vontade do pai, que a expulsa de casa e consegue fazer com que Carlota seja demitida por ter influência como Coronel. O único desejo de Carlota era trabalhar para ter independência financeira e isso foi tirado dela. Em outro momento do episódio mostra Angeles com o marido Mario, que fala para ela sair do emprego e ficar cuidando da casa e da filha. Muitas mulheres são pressionadas a colocarem os filhos e o lar como prioridade, mesmo querendo permanecer em outros ambientes, como o de trabalho. Os maridos não querem que tenham um trabalho nem uma profissão bem sucedida, apenas que sejam donas de casa, esposas e mães.

O homem se sente dono da mulher, pois isso foi repassado pelos ensinamentos através da cultura, uma cultura machista que designa a mulher a ser submissa. Esse poder estabelece que a mulher nasceu para ser mãe, mas não nasceu para ter um cargo de chefia, pois não sabe comandar. A cultura machista enraizada faz com que mulheres também sejam machistas, porque elas são ensinadas a isso. Esse posicionamento determina que foram educadas para a submissão. Vivem em um ambiente que formam pessoas com atitudes machistas. Como observado em Soares (1994), o feminismo mudou essa percepção da imagem da mulher sendo designada apenas como mãe e esposa, mas que ela pode ocupar outros cargos mesmo tendo essa função em sua vida. A permanência de mulheres no trabalho depois de se casarem era incomum, pois davam prioridade para o marido e tarefas de casa.

O marido de Angeles também trabalha na empresa telefônica em um cargo mais alto. Ela, que vive uma relação abusiva em casa, comenta com as meninas sobre pedir demissão por ordem de Mario (o marido), mas ela não quer seguir o desejo dele. Lídia então diz *muitas mulheres aceitam ser submissas aos homens e ela [Angeles] não pode ser uma dessas*. A submissão é construída através do patriarcado, onde o homem exerce o poder e funções sobre a mulher. Essa submissão acontece porque a mulher não encontra formas de enfrentar o homem, por medo do que pode acontecer e por viver em uma sociedade machista que não a ajuda. É preciso ouvir a decisão da mulher sobre o papel que ela quer exercer e a escolha que quer ter sobre a própria vida, pois são oprimidas pela sociedade que tenta inferiorizar sua capacidade. Nessa questão, Friedan (1971, p. 46) questiona se a mulher conseguiria ser uma pessoa por ser proibida de se inserir no mundo masculino, na medida em que “absorvera finalmente uma imagem de dependência tão passiva que passara a desejar que o homem tomasse todas as decisões”.

5.3 Episódio 4: *Os sentimentos*

A relação abusiva do marido contra Angeles prossegue nos episódios seguintes. Depois de ela se recusar a pedir demissão, Mario fica irritado por ter sido contrariado e a puxa pelo braço levando-a embora da empresa. Quando os dois chegam em casa e começam a discutir, ele parte para agressão e a espanca até deixar hematomas por todo o corpo. *Vou dar o que você merece*, diz ele. Devido às agressões, Angeles tem um sangramento e sofre um aborto. Exausta da relação abusiva com o marido, que a agride e que quer comandar sua vida, ela decide se separar, mas a lei espanhola só permite divórcio caso um dos cônjuges tenha falecido. Isso porque independente do que aconteça, a lei está do lado dos homens. Como Mendes, Vaz e Carvalho apresentaram, a lei Maria da Penha sancionada em 2006, trouxe justiça para muitas mulheres vítimas de agressão, no entanto ainda há muitos problemas para penalizar os agressores. Nesse sentido, a sociedade atormenta a vida das mulheres, que sofrem ameaças em casa, no trabalho e na rua. Como foi visto em Holanda e Nascimento (2018), isso ocorre porque ainda há retrocessos nas leis em defesa das mulheres, elas vivem com a insegurança e o medo de serem as próximas vítimas

Figura 3: Mario puxa Angeles pelo braço.



Fonte: Netflix, 2020

Uma das pautas do movimento feminista é combater a violência e conseguir segurança na vida das mulheres. No episódio, observa-se a cultura do machismo em evidência no relacionamento abusivo, considerando todos os indícios do personagem e seu pensamento machista. Segundo Soares (1994), na sociedade as mulheres são condenadas, culpadas e julgadas. Na série é o que acontece com Angeles, quando ocorre a violência contra a mulher e quando Mario tenta de todas as formas impor seu raciocínio sobre Angeles. Todas Fritas (2019) coloca o relacionamento abusivo como uma arma na sociedade em que estamos inseridas, pois através dele muitas mulheres sofrem diariamente. São silenciadas porque foram ensinadas que em uma relação os homens comandam. Quando somos ensinadas a nos calar faz com que todas se calem para sempre. Esse ensinamento vem da cultura machista, com poder patriarcal e atitudes extremamente conservadoras.

Nesse mesmo episódio acontece o encontro de Carlota com Sara (supervisora das telefonistas) na reunião do movimento sufragista que lutava para conquistar o direito ao voto. As duas eram ativistas na luta feminista. As questões das mulheres eram levantadas pelas duas personagens inicialmente, depois todas foram ingressando para confrontar o machismo. Por se encontrem sempre nas reuniões, começam a ter mais intimidade e se relacionam escondidas.

Figura 4: Carlota e Sara se beijam.



Fonte: Netflix, 2020

A personagem de Sara aborda a questão da identidade de gênero, ela se identifica como homem. Assume para Carlota que se sente presa em um corpo ao qual não pertence e que quando criança usava roupas do irmão, mas seu pai a corrigiu. Para saber porque não se enxerga como mulher ela procura um médico para esclarecer o que está acontecendo. Logo em seguida, o médico começa um tratamento psicológico e Sara é internada contra a sua vontade. O tratamento é feito por meio de tortura com a finalidade de curar Sara. Ela só consegue fugir da clínica com a ajuda das telefonistas. Após isso, Sara se reconhece como Oscar e começa um relacionamento com Carlota, rompendo os tabus sociais e conquistando um empoderamento, apesar das críticas da sociedade e dos problemas que passam a enfrentar.

5.4 Episódio 5: *O passado*

Nesse episódio Angeles tem um aborto devido às lesões que sofreu nas agressões do marido e fala do medo que sente: *não fiz o suficiente para impedir que ele batesse em mim*. Mulheres vítimas de agressões se culpam o tempo todo por vivenciarem uma relação abusiva, mesmo a culpa sendo do agressor. Lidia então diz *nada disso é sua culpa*. Angeles não está sozinha e pode contar com o apoio de Carlota, Lidia e Marga, mas muitas mulheres são julgadas e não possuem apoio de ninguém. Na série, é evidente o apoio entre as mulheres, diante de tudo que vivenciam permanecem unidas. Tudo o que acontece com uma, as outras resolvem juntas.

Após todos os acontecimentos, Angeles, acompanhada das amigas, procura uma advogada para saber o que pode ser feito para que Mario não fique impune das agressões. A advogada então diz: *Infelizmente, apesar de toda luta não existe uma brecha na lei para se divorciar do marido. O que pode ser feito é procurar a polícia e denunciar se tiver provas.* Porém, se Angeles for à delegacia e denunciar as agressões, mas não tiver provas ela pode ser presa.

Mesmo com leis existentes, muitas mulheres ainda sofrem com a violência. Todos os dias mulheres são agredidas, e os homens que cometem as agressões vivem normalmente em sociedade. Sofrem violência física, psicológica, moral, patrimonial e verbal. Nesses casos a sociedade ainda não garante a segurança e o direito delas. Como é o caso de Angeles que só consegue se livrar das atitudes abusivas do marido quando ele morre tragicamente após cair do terraço da empresa telefônica. A tragédia acontece porque ela acerta Mario para conseguir ajudar Lidia que estava sendo enforcada. As quatro amigas se reúnem e decidem encobrir a morte para ajudar Angeles que já havia passado por muita coisa. Somente após a morte do marido que ela conseguiu a liberdade que desejava.

Na série mostra a situação da mulher e como os homens exerciam o poder para controlar suas vidas. A principal motivação das personagens para buscar liberdade era a maneira que eram tratadas, como objetos sem poder de opinião e decisão e como tinham que enfrentar as regras de uma sociedade machista. Nesse sentido, como foi visto em Costa (2004), através dos movimentos sociais que surgiram foi possível lutar por visibilidade, voz ativa e condições melhores.

Nesse cenário, elas eram vistas como incapazes e subestimavam a sua competência, mas as personagens se mostravam opostas a essa ideia e estavam dispostas a transformar e ir em busca de liberdade. Beauvoir (2009) retrata a força da mulher e seus ideais em prol dos direitos, porém apresenta também uma mulher que depende de todos e se encontra em um mundo em que o homem pretende fazer dela um objeto impondo suas exigências.

As leis foram feitas por homens e para eles, mas as mulheres foram em busca de conseguir o mesmo direito. A série retrata muito o feminismo com didática, mostrando as mulheres se importando umas com as outras. Dessa amizade surge a união das personagens que se acolhem, mesmo sendo diferentes. Tratando-se de apoio há cenas dos episódios que

destacam a sororidade³. Tudo o que acontece com uma as quatro se envolvem para ajudar e permanecem juntas.

A protagonista Alba é uma mulher determinada a conseguir o que quer. Utilizando-se do charme para atrair a atenção dos homens e fazer suas vontades, ela conquista Carlos. Desde a primeira vez que se veem, ele faz de tudo para conquistar seu coração. Alba se relaciona com Carlos na intenção de roubar o cofre da empresa com mais facilidade, por ele ser filho do dono da Companhia Telefônica, mas acaba se apaixonando também. Ao entrar na telefonia reencontrou seu amor de infância, Francisco, sem saber que o mesmo era diretor da empresa. Assim, na trama, a história de Alba se desenrola entre seus dois amores, Carlos e Francisco. Como os homens conseguem o que querem por possuírem um papel de poder sobre as mulheres em uma sociedade patriarcal, Alba consegue o que quer pela determinação irresistível sobre os homens, sabendo usar os pontos fracos destes.

Nos episódios seguintes, Carlos está desenvolvendo um projeto que irá revolucionar a ligação telefônica, porém se funcionar o cargo de telefonista será dispensável. Agora, além de precisar roubar o dinheiro por estar sendo chantageada, Alba terá que impedir que o projeto funcione, pois suas amigas e ela dependem do cargo de telefonista. Mesmo amando os dois, ela sabe que a amizade com as telefonistas vem antes de tudo, então, ainda pretende roubar o projeto. No fim, ela consegue o projeto e faz com que Francisco e Carlos não a perdoam pela atitude.

A trajetória de Alba é de idas e vindas com Carlos e Francisco, apesar de ela ser uma personagem decidida e empoderada fica nessa dúvida em relação aos dois. Eles acham que Alba deve tomar uma decisão a partir do que eles sentem e fazem por ela. Na perspectiva de Sardenberg (2006), essa condição está relacionada com o homem achar que a mulher está ali para servir aos seus desejos. Só que Alba, esperta e calejada pela vida, inverte a relação em seu favor.

³ É o apoio entre mulheres e na série esteve em evidência entre as personagens.

Figura 5: Alba quando chega a primeira vez na telefonia



Fonte: Netflix, 2020

Os conflitos que Alba tem com o seu passado fazem-na acreditar que não pode ter conquistas pelo seu mérito. Mas ao perder o medo vê que é capaz. Ao longo da trama, elas conquistam o que querem, como liberdade, independência e poder viver um romance com quem desejam.

Por se mostrar uma personagem feminista ao se impor ao pai conservador, Carlota é vista como rebelde. Por ser um homem rico e um cargo importante, tem influência na sociedade de Madri. Mesmo Carlota sendo uma pessoa com pensamentos fortes, o pai tenta controla-la, imagina quem tem medo de se impor. O machismo está inserido nos ambientes familiares, onde são ensinadas as regras para viver em sociedade, que é o que acontece com a personagem Carlota e seu pai conservador. O patriarcado tem o homem como a autoridade e superioridade sobre as mulheres no ambiente familiar. Detém todo o poder social e político.

Um dos fatores mostrados na narrativa é como elas lidam para conseguir os direitos, pois mesmo sendo ficção essa era a realidade de muitas mulheres da época. Lutavam pela liberdade e se uniam para conseguir mudar o rumo de cada uma. Fazendo uma ligação com os estudos culturais, trazemos a explicação de Escosteguy (1998), para quem a teoria questiona a cultura sobre estabelecer hierarquias e que também queria se relacionar com disciplinas para observar a cultura em movimentos sociais.

No caso da personagem Marga, ela teve que ter coragem para sair de casa e enfrentar a vida em uma Capital. Era muito difícil ser mulher naquela época, ainda mais vivendo sozinha. Ela saiu da cidade de interior para trabalhar e conseguir ajudar sua avó, que se mostrou à frente de seu tempo permitindo à neta sair de casa. Foi morar em uma pensão para mulheres, que tinha muitas regras, uma delas era não receber visitas ou ter qualquer contato com homens. A dona da pensão é uma mulher muito tradicional, que segue os

costumes da sociedade. *Eu sei que não preciso me preocupar com o seu comportamento sua avó me garantiu que você é uma jovem responsável. Essa é uma pensão decente. [...]* Lembre-se: mente aberta e pernas fechadas, diz a dona da pensão.

Figura 6: Marga chega na pensão de Dona Lola.



Fonte: Netflix, 2020

Ao analisar essa fala percebe-se as raízes do machismo. As mulheres são ensinadas a se comportarem, se vestirem, o que devem falar, e assim são limitadas desde pequenas. Ensinadas a não ter voz e autoridade, mas ser submissa aos desejos dos homens. Mulheres também possuem pensamento machista e atitudes. Como elas são ensinadas quais os diferentes papéis que o homem e a mulher têm na sociedade, crescem com essa ideia e reproduzem o machismo. As filhas precisam ficar em casa, têm horário para chegar, precisam ser frágeis. Já os homens têm liberdade sexual, se comportam como querem, precisam ser fortes, assim surge a diferença entre os gêneros. Sob a visão de Eagleton (2005), a cultura pode estar relacionada com essa situação porque é entendida como um complexo de crenças e valores, como algo repassado pela prática de costumes na forma em que um grupo específico vive.

A personagem de Marga é retratada como uma mulher tímida e sentimental, que levava os costumes muito a sério. A cada episódio ela se desenvolve no empoderamento e se torna uma mulher sem medo de se posicionar. Conforme a autora Cruz (2018), o empoderamento é um processo individual, cujas dimensões pessoais não desvinculam das conotações políticas. Assim, o empoderamento é a transformação de estruturas de subordinação. Através do feminismo, elas fogem dos padrões estruturais e começam um novo modo de construir o pensamento.

O desenvolvimento em relação às personagens ocorre nesse viés do empoderamento feminino. Esse discurso do empoderamento era essencial dada à situação a

que eram submetidas a enfrentar. Por isso, a importância de consumir séries com essas temáticas e narrativas, porque ganham visibilidade quando reproduzidas. Assim, as séries influenciam as pessoas e quando fala sobre feminismo e são capazes de estimular discussões que geram conhecimentos para quem desconhece a causa. No decorrer do tempo, as séries produzem temáticas que geram debates além das telas, mas na vida social. De acordo com Keske e Rublescki (2018), um dos fatores recorrentes para o público consumir produções com esses temas é a ligação que fazem com os personagens apresentados e com as histórias contadas.

As mulheres ainda são rodeadas pela cultura machista, sofrem pressões de uma sociedade conservadora que limita suas condições. Desde pequena são ensinadas como se comportar e o que podem ou não fazer. A criação da mulher dentro dessas limitações implica na submissão e na vida voltada ao homem. Como trata Laraia (2001), a cultura é composta por herança cultural, assim o machismo também é repassado pelos ensinamentos culturais em uma sociedade onde o homem domina tanto o espaço público e social quanto a mulher.

Um dos fatores para a união das telefonistas é acreditarem na mesma causa. A partir dessa condição, ganham força e acontece a luta histórica pela busca dos direitos. Elas se unem para se incentivarem na luta pelos direitos das mulheres e na causa feminista. Assim como acontece na luta pelo empoderamento, que remete para as mulheres o domínio das suas decisões. Cruz (2018) denomina o empoderamento como uma desconstrução que fortalece as mulheres na luta diária. Como foi visto anteriormente ocorre porque as mulheres necessitam de algo para se firmar e desenvolver poder, assim utilizam do empoderamento como base.

6 Considerações finais

Apesar de toda transformação que resulta em maior poder de escolha, os padrões da época ainda estão marcados e o papel da mulher ainda está limitado devido ao machismo. A desigualdade entre o gênero ainda está presente na sociedade. Os homens possuem salários mais altos, maiores oportunidades e ocupam cargos importantes em relação às mulheres. Essa situação continua afetando a vida das mulheres, como mostrado na série.

As personagens se modificam com o passar dos episódios, posicionam-se porque buscam, conforme seus ideais, a liberdade. Mayer (2018) explica essa condição da representação feminina, em que a personagem possui posicionamento forte e suas ações influenciam em toda história da série. Elas se inserem no feminismo e assumem uma posição

de mulher empoderada. Nessa formação muita coisa mudou, porém ainda resta lutar pela liberdade.

Este trabalho de conclusão analisou como a série *As Telefonistas* retrata o feminismo, sob a perspectiva dos estudos culturais. Para discutir a questão de igualdade de gênero, foram feitas pesquisas sobre como o movimento feminista reivindicou direitos para as mulheres. Além disso, aprofundou em pesquisas sobre os estudos culturais, que contribuiu para o trabalho. Desse modo, esta pesquisa também é importante para compreender as novas práticas de produções e consumo de séries com pautas sociais.

Com a base teórica para construção deste trabalho foi possível chegar ao resultado. Desse modo, o presente estudo conclui que o que construiu o empoderamento apresentado nos episódios analisados foi o desejo de as personagens serem livres para escolher seus próprios caminhos. O que uniu as personagens foi o desejo de trabalhar e ter uma carreira para ter independência financeira e mais liberdade. A construção do empoderamento é um processo que leva mulheres a confrontar as relações de opressão, como aponta (CRUZ, 2018). O movimento feminista é retratado como a busca pela igualdade quando elas se veem submissas em um mundo feito e regido por homens.

De acordo com a análise, o empoderamento feminino se faz presente em muitas cenas. Mostra-se predominante também o apoio das personagens em termo de sororidade. Portanto, a série trabalha a construção do empoderamento gradativamente e serve para evidenciar a presença de características do feminismo na série.

Nas personagens, as características do feminismo são observadas na forma com que elas se desenvolvem na sua trajetória. Após muita luta por mudanças no posicionamento, conquistaram a independência, a liberdade e a aceitação. Angeles, por exemplo começa a usar a roupa que quer e continua a trabalhar. Marga se posiciona junto com as colegas, lutando as mesmas lutas e começa a viver intensamente. Carlota conquista sua tão sonhada independência e consegue trabalhar em cargos importantes na vida política, assim como assumir um relacionamento homossexual; e Alba se sente mais segura e determinada sem duvidar da sua capacidade, além de utilizar seu charme e poder sobre os homens em seu favor.

É preciso mudança na prática, a fim de combater as raízes deixadas por uma sociedade machista e desigual, onde a mulher ainda é privada de muita coisa. Lima (2018) defende que agora temos contato e informações o suficiente com diversos conteúdos voltados ao feminismo e as séries surgem para reforçar a importância desses temas. Ao focar em questões como violência contra mulher, relacionamento abusivo, patriarcado e diversas

situações desfavoráveis para as mulheres, a série possibilita o debate acerca da importância da existência do feminismo. As personagens são retratadas como mulheres determinadas com pensamentos fortes que lutavam para conquistar espaço e voz em uma sociedade machista, onde as mulheres tinham que ser submissas, sem direitos, sem voz e subjugadas ao poder masculino. E, no decorrer da série, conquistam seus objetivos por causa do feminismo. Dessa maneira, entende-se que a série contribui para o debate sobre o feminismo e os episódios analisados são de fato relevantes para compreender a busca pela liberdade das personagens.

Referências

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estudos culturais**: o quê e o como da investigação. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/carnets/4382> > Acesso em: 21 set 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Vol 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. **O segundo sexo**: A experiência vivida. Vol 2. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CANCIAN, Renato. **Feminismo** - Movimento surgiu na Revolução Francesa. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismo-movimento-surgiu-na-revoluc-ao-francesa.htm>> Acesso em: 20 nov 2020.

COSTA, Vânia Maria Torres. **Os movimentos sociais e a televisão**: em busca de visibilidade. Trabalho apresentado ao NP 7 - Comunicação Audiovisual, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004.

CRUZ, Maria Helena Santana. Empoderamento das mulheres. **Inclusão Social**, v. 11, n. 2, 2018.

EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. 1. ed. Mafra: 2005

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, 1998.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. 1. ed. Petrópolis: Vozes Limitadas, 1971.

GOSS, Karine Pereira. PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitados. **Em tese**, v. 2, n. 1, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte; Brasília, 2003.

HOLANDA, Cibely Cristina. NASCIMENTO, Anne Raquel da Silva. **Os feminismos nas séries de televisão**.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KESKE, Henrique Alexandre. RUBLESCKI, Anelise. **Trilhas e Caminhos: Comunicação em foco**. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2018.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEMO, Urbano. GOSCIOLA, Vicente. A tela e o hibridismo: narrativa, distribuição e exibição do documentário no início do Séc. XXI. In: RENÓ, Denis. CAMINOS, Alfredo (org.). **Imagens, narrativas e meios**. Aveiro: Ria editorial, 2018.

LIMA, Thayane da Silveira. **“As telefonistas”**: leituras sobre questões de gênero enfrentadas pelas mulheres desde o século XX. Santa Maria, 2018.

MAGESTE, Gizelle de Souza. MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes. CKAGNAZAROFF, Ivan Beck. **Empoderamento de mulheres**: uma proposta de análise para as organizações. Belo Horizonte: Eneo, 2008.

MATIA, Wédja Roberta. **Feminismo e empoderamento da mulher na sociedade brasileira**. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/clio/article/view/53648/36807>> Acesso em: 6 out. 2020.

MAYER, Carolina Aires. **O protagonismo feminino proativo nas narrativas audiovisuais de ficção científica**. Natal: CCHLA, 2018.

MENDES, Raiana Siqueira, VAZ, Bruna Josefa de Oliveira. CARVALHO, Amasa Ferreira. **O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher**. Paraíba: Gênero & Direito, 2015.

MORAES, Maria Laura. Stuart Hall: cultura, identidade e representação. **Revista Educar mais**, v. 3, n. 2, 2019.

MORESCO, Marcielly Cristina. RIBEIRO, Regiane. O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 14, n. 27, 2015.

NETFLIX. **As telefonistas**. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80100929?trackId=14170286&tctx=2%2C0%2Cd5f9e157-48e8-43d0-9c8c-ddf967cb82cf-14075842%2Cbcde78cc-d4f4-4ebc-850d-6dddbc1eb017_45404>

[85X3XX1605299138880%2Cbcde78cc-d4f4-4ebc-850d-6dddbc1eb017_ROOT%2C>](#)

Acesso em: 13 out 2020

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e política**, v. 18, n. 23, 2010.

SACCOMORI, Camila. **Qualquer coisa a qualquer hora em qualquer lugar: as novas experiências de consumo de seriado via Netflix**. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/23903>> Acesso em: 29 out 2020.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na perspectiva feminista**. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>> Acesso em: 6 out 2020.

SOARES, Vera. Movimento feminista: paradigmas e desafios. **Revista Estudos Feministas**, 1994.

TODAS FRIDAS. **Ficção: refúgio para repensar a realidade**. Disponível em: <<https://www.todasfridas.com.br/2019/01/22/ficcao-refugio-para-tentar-explicitar-a-realidade/#respond>> Acesso em: 20 mai 2020.